

Dâmaris Simon Camelo Borges
Edna Maria Marturano

Alfabetização em valores humanos

Um método para o ensino
de habilidades sociais



ALFABETIZAÇÃO EM VALORES HUMANOS

Um método para o ensino de habilidades sociais

Copyright © 2012 Dâmaris Simon Camelo Borges e Edna Maria Marturano

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Projeto gráfico e diagramação: **Casa de Ideias**

Capa: **Gabrielly Silva**

Imagem da capa: **Crystal Tran/Flickr**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Prefácio | 9 |
| Apresentação..... | 13 |
| Parte I Origem e construção do programa | |
| 1. O problema | 17 |
| Qual é o problema? | 17 |
| Dificuldades de convivência na escola sob a perspectiva das crianças..... | 21 |
| 2. Nossa concepção de desenvolvimento humano | 25 |
| A criança, um participante ativo desde o começo | 26 |
| Que ambiente é esse?..... | 29 |
| O cérebro ecológico: a importância da primeira década | 34 |
| Os caminhos do desenvolvimento e o dia a dia da sala de aula | 36 |
| Desenvolvimento humano de ponta a ponta..... | 37 |
| 3. Fundamentos do programa..... | 39 |
| Para construir a convivência | 43 |
| O saber: dimensão intelectual-cognitiva | 44 |
| O querer fazer: dimensão afetiva | 50 |
| O poder fazer: autocontrole | 57 |

| | |
|---|------------|
| 4. O programa de intervenção | 63 |
| Módulo de desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais | 64 |
| Módulo de discussão de valores humanos | 69 |
| Módulo de autocontrole..... | 73 |
| Parte II Conduzindo o programa na sala de aula | 77 |
| 5. Promovendo o saber: currículo “Eu Posso Resolver Problemas” ... | 79 |
| Lições formais | 79 |
| Integração dos conceitos no currículo e no dia a dia da sala de aula | 97 |
| O diálogo EPRP | 101 |
| 6. Promovendo o querer: reflexão sobre valores humanos com apoio em histórias..... | 111 |
| Histórias selecionadas | 112 |
| Procedimento específico..... | 122 |
| 7. Promovendo o poder: desenvolvimento do autocontrole.... | 137 |
| Procedimentos específicos..... | 138 |
| 8. Questões pertinentes à implantação do programa..... | 145 |
| O profissional da educação | 162 |
| Parte III Resultados do programa | 167 |
| 9. A pesquisa em uma classe de segundo ano..... | 169 |
| Método | 170 |
| Resultados..... | 172 |
| 10. Implicações e perspectivas | 179 |
| A criança sabe o que faz? | 180 |
| Saber fazer é diferente de querer fazer!..... | 188 |

| | |
|---|------------|
| “Eu sei o que deveria ter feito, eu queria fazer, mas... perdi a cabeça” | 194 |
| Considerações finais | 196 |
| Referências bibliográficas | 199 |

PREFÁCIO

Há tempos os educadores se debruçam em estudos, pesquisas e métodos para melhor alfabetizar as crianças, ou seja, iniciá-las nas letras e nos números e, assim, instrumentalizá-las para a escrita e a leitura, para os cálculos matemáticos e as ciências – portanto, para os conteúdos acadêmicos.

Esses mesmos educadores costumam se queixar insistentemente do mau comportamento dos alunos, da falta de educação e de modos com que se relacionam entre si e também com os professores, da crescente violência na escola e de como isso atrapalha seu trabalho e o bom andamento das aulas.

Uma parte dos professores, diante de tal realidade, desanima, desiste, ainda que muitas vezes permaneça em sala de aula até a aposentadoria. Outra parcela desses profissionais faz tentativas esparsas e intuitivas de ajudar “os alunos difíceis” a participar das aulas e não atrapalhar a turma. Dâmaris Simon Camelo Borges e Edna Maria Marturano foram mais longe: com seriedade, compromisso, pesquisa e senso de justiça, arregaçaram as mangas para alfabetizar seus alunos em valores humanos.

No discurso dos professores, sempre se pregou que é papel da escola formar o aluno de maneira integral, considerando aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociais. No entanto, no momento de planejar as atividades que serão propostas às crianças, o foco fica sempre nos conteúdos acadêmicos. Ingenuamente, considera-se que, munido apenas de boas intenções e boa índole, o professor transmitirá bons princípios e valores aos seus alunos.

As autoras do presente livro convidam-nos a uma reflexão otimista sobre o papel dos adultos na escola. Entendendo alunos e professores como sujeitos e admitindo que os conflitos estão e estarão sempre presentes na vida e no cotidiano escolar, relatam o sucesso da aplicação de um programa de educação para a convivência, para a construção de habilidades sociais e para a manutenção do autocontrole.

Assim, Dâmaris e Edna apresentam lições formais que se integram facilmente às atividades “acadêmicas” da educação infantil ou dos primeiros anos do ensino fundamental. Entre seus instrumentos estão histórias e dramatizações que permitem à professora escutar o que os alunos têm a dizer. Ela, então, encoraja-os a escutar-se entre si, ajudando-os a pensar em alternativas para solucionar os impasses, perceber os próprios sentimentos e identificar os sentimentos dos outros. Tudo isso leva as crianças a ampliar habilidades sociais e descartar a violência como forma de resolver problemas.

Vale ressaltar que, para o sucesso de um programa como esse, o leitor não pode cair na tentação de utilizá-lo como livro de receitas. A seleção de histórias apresentada, por exemplo, pode facilmente ser usada de forma moralista e autoritária. O que fará diferença na criação de um ambiente favorável à construção de habilidades sociais será a postura crítica e reflexiva do professor, que precisa

permanentemente escutar as crianças e se indagar sobre a melhor forma de conduzir uma conversa com a classe.

O convite ao diálogo, tão bem apresentado no livro, deve se estender de forma sistemática entre os diversos profissionais da escola. O educador não pode se sentir sozinho diante de uma sala de aula: ele precisa do respaldo da direção, da coordenação e dos outros professores e funcionários da escola para que consiga sustentar sua posição de autoridade de forma pacífica e ao mesmo tempo eficaz. Criar espaços de conversa e reuniões para trocar experiências possibilita que todos exercitem também a convivência, aprendam a lidar com as divergências de opinião, com os conflitos. Assim, todos avançam do ponto de vista da construção da própria moralidade.

Pensar a forma como esse diálogo pode ser fomentado entre os profissionais da escola e com os pais dos alunos me parece um grande desafio, e este livro é um bom ponto de partida para ele.

Vitória Regis Gabay de Sá

*Pedagoga e psicopedagoga, coordenadora pedagógica
da Jacarandá Berçário e Educação Infantil*

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de um intenso trabalho de pesquisa dentro de sala de aula. Teve origem na curiosidade e na inconformação produtiva de uma professora que, insatisfeita com o rumo que os relacionamentos nas salas de aula têm tomado, foi em busca de respostas para seus questionamentos.

Em uma sala de aula ficamos diante de inúmeros universos pessoais, originados em grupos familiares com histórias construídas ao longo do tempo, até então sem a participação do professor. Como lidar com cada um desses universos em uma cultura na qual o individualismo é tão valorizado? Como conjugar em classe as idiossincrasias de tantas pessoas que devem caminhar em direção ao mesmo objetivo – a busca do conhecimento?

Registramos aqui o depoimento da primeira autora a respeito de suas inquietações e dúvidas: “Ao iniciarmos a pesquisa, de minha parte, eu procurava um programa de intervenção que resolvesse milagrosamente os problemas de comportamento ocorridos na classe. Ao longo do tempo, fui descobrindo que milagres não

existem, tampouco uma forma de intervir que modifique o comportamento das crianças à nossa imagem e semelhança”.

Chegamos ao denominador comum: quando se trata de educandos e educadores, quando se trata da formação do indivíduo, para que ocorra melhora efetiva nos relacionamentos interpessoais é necessário que todos os envolvidos revisem a sua forma de agir.

Ensinar habilidades sociais às crianças é aperfeiçoar a manifestação social do seu comportamento. Mas o que dirige o comportamento das pessoas? Será que conseguiremos melhorar o comportamento de uma criança sem discutir os valores aprendidos em sua trajetória de vida? E se formos além do ensino de habilidades sociais e discutirmos esses valores? Será que aprendendo a ser socialmente mais habilidosos e tendo revisado os valores que direcionam nosso comportamento seremos capazes de agir adequadamente diante de qualquer situação estressante? Será que somos um modelo adequado para a criança mirar-se e se deixar influenciar?

De uma prática guiada por tais reflexões e continuamente reavaliada resultou este livro. Ele trata da busca de um clima mais favorável de relacionamento na sala de aula e de como, nessa busca, temos de olhar para o educando e para nós mesmos. Sendo assim, esperamos que possa ser útil a quantos se consideram educadores, especialmente aos professores do ensino fundamental.

Ao compartilhar com os colegas nossa experiência, lembramos a pergunta que as pessoas sempre nos fazem: é possível educar uma criança agressiva sem recorrer nenhuma vez à agressividade? A resposta é sim! Como? Nossa expectativa é que a leitura desta obra ajude cada um a encontrar seu caminho.

PARTE I

ORIGEM E CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA

O PROBLEMA

Este livro trata da convivência em sala de aula. Trata de crianças que iniciam o ensino fundamental, de seus professores e das vicissitudes que compartilham para construir juntos uma convivência respeitosa que facilite o aprendizado.

Por que as autoras se aventuraram a trabalhar com esse assunto? Por que caminhos chegamos à sala de aula como possibilidade de enfrentar o problema da convivência nas escolas? A convivência nas escolas é, afinal, um problema?

Qual é o problema?

Atualmente, muitas são as queixas dos professores quanto à convivência em sala de aula. Queixam-se da falta de interesse dos alunos em relação à aprendizagem, queixam-se da falta de respeito, da falta de limites, das constantes confusões em que os educandos se envolvem.

Como lidar com essa dificuldade de relacionamento, com a dificuldade de manter os alunos atentos à aprendizagem? Como lidar com os constantes conflitos na sala de aula?

Quando nos referimos aos inúmeros conflitos e dificuldades de adaptação, queremos na verdade abordar a forma de enfrentar os conflitos. Estes são característicos dos relacionamentos humanos, dizem respeito ao encontro de diferentes pontos de vista. O que

atrapalha os relacionamentos não é o conflito, mas o confronto, que se distingue pela busca da anulação do outro.

As pessoas podem expressar três formas básicas de enfrentar conflitos interpessoais: o comportamento submisso, o comportamento assertivo e o comportamento agressivo (Leme, 2004). O comportamento submisso implica a consideração apenas dos sentimentos e direitos dos outros em prejuízo dos próprios. Desse ponto de vista, o comportamento submisso é indesejável. Já o comportamento assertivo caracteriza-se pelo enfrentamento de situações conflituosas em que a pessoa defende seus direitos sem usar a força ou outra forma de coerção. Por suas características, é o comportamento mais desejável em situações de conflito, embora haja exceções; muitas vezes mostrar-se assertivo pode ser perigoso. É o caso, por exemplo, da criança que precisa enfrentar o “valentão” da escola. Por último encontra-se o comportamento agressivo, que envolve a busca de soluções coercitivas no interesse próprio, sem considerar os interesses e direitos dos outros; o agressivo exige que as pessoas se submetam à sua vontade de uma maneira ou de outra.

A resolução de conflitos por meio da agressividade está relacionada ao problema da violência nas escolas. Não estamos aqui nos referindo apenas ao aspecto mais óbvio, o da violência física, mesmo porque o termo “violência” possui uma ampla gama de definições. A definição de violência depende do contexto em que ela é abordada e pode incluir desde a agressividade física até formas mais veladas, como a maledicência. Considerando a complexidade do assunto, adotamos a definição de violência mais adequada ao trabalho de preparação para a convivência que procuramos desenvolver: “Todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (Fante, 2005, p. 157).

Refletindo sobre essa definição, lembramos como é comum, não só nas brincadeiras entre as crianças, mas, muitas vezes, entre os adultos que deveriam servir de referência, as pessoas agirem de forma agressiva com brincadeiras como dar tapas na nuca ou “sardinhas”, ou dizerem palavras ofensivas; são as chamadas “brincadeiras de mau gosto”. Quando o outro se ofende ou se ressentido, o agressor rebate dizendo: “Eu estava brincando!” Nesse exemplo, percebe-se que a pessoa não considera os sentimentos do outro, leva em conta apenas o seu ponto de vista.

Pois bem, nos últimos anos, a disseminação dessas “brincadeiras” entre crianças e adolescentes vem assumindo proporções assustadoras. Quem já não leu uma reportagem sobre *bullying*? São casos de molestamento repetido, que podem implicar de apelidos preconceituosos, exclusão de atividades sociais e fofocas maliciosas a extorsões diárias – como ter de ceder a merenda ao colega para não ser agredido.

Grande parte dos casos de *bullying* acontece no interior das escolas, mais particularmente dentro das salas de aula¹. O *bullying* diferencia-se da agressão comum e ocasional por se caracterizar como uma agressão que é repetida por um período prolongado e contra a mesma vítima. Em geral, existe um desequilíbrio de poder – o agressor é maior, mais forte ou mais velho, ou cerca-se de amigos para intimidar sua vítima.

O *bullying* costuma ocorrer sem motivações evidentes. Pode se manifestar de forma direta ou indireta. Na forma direta, crianças ou jovens agredem fisicamente batendo, chutando, tomando pertences; as formas indiretas incluem usar apelidos pejorativos e discriminatórios, insultos, constrangimentos, disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes (fofocas), com o objetivo

1. Ver, por exemplo, Góis, Mena e Werneck, 2003.